

João Aguiar Campos

DESCALÇO  
TAMBÉM SE  
CAMINHA

Ilustrações de Luís Valente





OLHARES

---



---

# DESCALÇO TAMBÉM SE CAMINHA

Oiço, muitas vezes, dizer que vivemos num tempo em que todos querem tudo e já.

A frase, por regra, aponta o dedo às gerações mais novas; mas a verdade é que nem os mais adultos escapam à tentação de apagar dificuldades, como se as estradas retas e planas fossem um direito inscrito no cartão de cidadão.

Praticamente não há conversa que não inclua queixas de problemas, ingratidões, dias escuros ou noites trovoadas.

Se alguém se declara feliz e o escreve  
com um sorriso largo, é suspeito  
de ser cabeça no ar, pateta alegre  
ou romântico a quem a vida se  
encarregará de “mostrar a realidade”.

A realidade é, pois, neste quadro, um  
risco no carro, uma fissura na parede,  
uma hora dorida no banco  
das urgências...

Lamento não cantar neste coro e, por  
isso, deixo que me chamem, desde já,  
o que quiserem.

Venho de longe: do tempo do frio maior  
nas casas mal aconchegadas,  
da geada negra nos caminhos da serra,  
das leituras difíceis à luz da candeia  
de petróleo e da roupa remendada  
e ajustada, depois do uso por um  
irmão mais velho. Trago nos pés jogos  
descalços com bola de trapos e a  
memória de uns sapatos que foram  
guardados até outra festa, após  
a alegria da Primeira Comunhão.

Tem de ser agora, outra vez,  
assim para todos?...

Não, não tem. Mas importa saber que  
descalço também se caminha!...

A alegria e a felicidade são muito mais  
do que uma lista de desejos satisfeitos.  
Por mim, sinto-as no coração que ouve,  
lê e procura em cada circunstância  
o pólen acima dos espinhos.

Não sou um otimista sem os pés na  
terra. Aliás, os textos que neste livro  
ofereço têm cores distintas e não fogem  
sequer ao escuro de alguns instantes...  
Mas a noite é tempo de repouso.

Sem a saúde que alongaria os dias,  
perdi os sapatos de longos percursos e  
o ritmo de km/hora. Mas ando, sentindo  
mais a areia e as irregularidades do piso.

Sim; descalço também se caminha!...

---

---

# QUERIDA MANHÃ

Acendo os olhos devagar:  
discreta lamparina,  
pingo de laranja...

Não sopres, vento,  
que as mãos furadas  
não fazem copo protetor  
e eu não gosto  
de procissões escuras,  
de cânticos apagados!...

Manhã, querida manhã,  
quando passares,  
mete-me uma folha de dia  
por debaixo da porta.

Logo que possa  
irei escrever-lhe  
os sonhos que sobraram  
da noite!...

---

---

# VOU

O amanhã pode não ser um sítio;  
mas é para lá que vou!...

---

---

# ABELHA

Não a quis perturbar, mas quis ver  
os seus voos matinais.

Ali andou ela, a abelha, largos minutos,  
a saltitar de flor em flor: poisa aqui,  
beija ali; rodopia e volta atrás;  
espreita e bebe...

Os seus critérios são os seus critérios,  
que suspeito mas não sei  
de certeza certa.

Uma coisa sei, porém – e isso é uma  
lição: a abelha não perde tempo com  
flores de plástico!...

---



---

# «PODES DEIXAR-ME AMAR-TE?»

Num *zapping* televisivo,  
apanhei o filme a meio.

Richard Gere, com um ar sofrido, na pele de não sei quem, perguntava à mulher que, zangadíssima, o mandava sair de casa: «Podes deixar-me amar-te?»

Desliguei a TV sem perceber o contexto ou esperar a resposta. Desliguei porque me pareceu uma pergunta tão difícil e humilde que não quis saber a resposta; assim a modos de quem desliga a rádio antes da marcação do penálti, por lhe doer o medo do golo (nuns casos) ou do desperdício (noutros)...

«Podes deixar-me amar-te?»

Pode ter entoação humana  
e humanas razões.

Mas acho que esta é, fundamentalmente,  
uma pergunta divina – por ser o pedido  
que Deus faz, constantemente,  
à porta do nosso coração.

---

---

# DISPERSÃO

Andam dispersos os poetas a escrever  
metáforas singulares.

Os músicos inventam coretos de  
um só banco e os pintores tentam  
comprar os direitos sobre o arco-íris.

Afinal, no calor da tarde, só as cigarras  
fazem coro.

Onde estão todos os que sabem  
cantar?...

---